

Águas passadas, presente e futuro: memória e crise ambiental em pintura e fotografia¹

Michele Martins Nunes²

Karine Gomes Perez Vieira³

Resumo expandido

Minha pesquisa artística lança luz sobre as transfigurações na paisagem urbana em tempos de mudanças climáticas, partindo de um ponto de vista que é, ao mesmo tempo, íntimo e crítico. Como artista e pesquisadora, habitando próximo ao rio que banha o Vale do Caí, senti de perto o impacto da enchente histórica que devastou o Rio Grande do Sul em maio de 2024, deixando cicatrizes profundas e expostas na geografia e na memória coletiva da região. Essas marcas tangíveis e intangíveis se tornaram o tema do trabalho "Águas passadas, presente e futuro", um políptico composto por pinturas e fotografias que retratam o município de Montenegro-RS em diferentes momentos dessa tragédia ambiental.

Esse trabalho me permitiu documentar e reinterpretar a paisagem urbana em um ato de reconstrução simbólica. Para desenvolver esse olhar, aproximei-me do pensamento do historiador da arte Georges Didi-Huberman, ao explorar a montagem e o conceito de sobrevivência nas imagens, trouxe para minha prática a possibilidade de reinterpretar o tempo e criar uma narrativa fragmentada que não só documenta, mas também rememora e questiona.

¹ Trabalho apresentado no (G - Estresse pós-traumático e mitigação dos danos) do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Doutoranda em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, e-mail: mim.pint@gmail.com

³ Profa. Doutora em Artes Visuais, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e e-mail: karine.g.perez-vieira@ufsm.br



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

Dividida entre pinturas e fotografias, a obra apresenta espaços urbanos de Montenegro em um fluxo temporal que reflete diferentes momentos vividos durante o desastre. Minha intenção ao trabalhar em um formato de políptico é, em primeiro lugar, criar uma composição visual que reverbera o caos e a fragmentação sentidos durante e após a enchente.

Selecionei dez fotografias: cinco para transpor na tela, realizando pinturas e cinco para serem impressas sobre PVC. Escolhi duplas de imagens do mesmo local em diferentes momentos e ângulos; uma apresentada em fotografia e a outra em pintura. As imagens que compõem a obra tem dimensões variadas, porém cada dupla têm as mesmas dimensões, sendo que uma fica acima da outra, e a imagem da linha inferior é invertida, numa tentativa de fazer alusão ao reflexo da água. As imagens da parte inferior não apresentam figuras humanas e foram trabalhadas em tons de marrom que remetem a cor das águas. Na parte inferior, portanto, as imagens fotográficas também foram manipuladas, tendo as cores alteradas. Na parte superior aparecem pessoas, as imagens são coloridas, e a cor vermelha, geralmente usada para sinalizar situações graves, é evidenciada em alguns pontos das imagens realizadas.

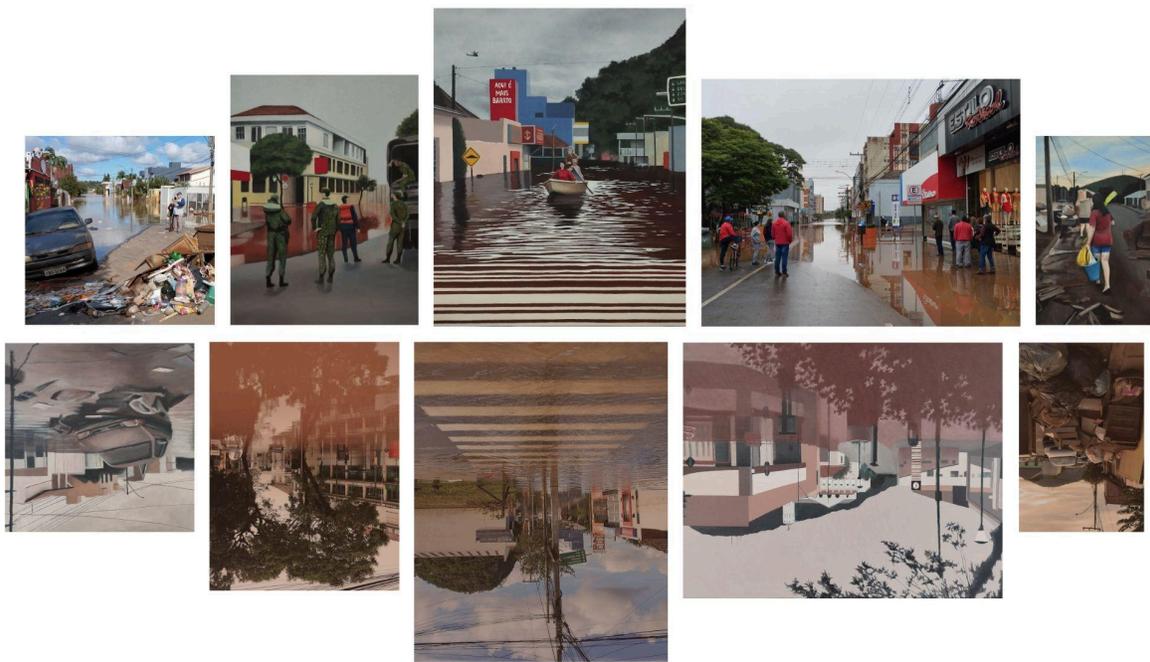


Fig.4 Michele Martines, *Águas passadas, presente e futuro*, pintura acrílica s/ tela e impressão fotográfica s/ pvc (políptico), 102 x 178 cm, 2024.

As fotografias revelam a crueza do momento vivido, documentando o impacto material do desastre: ruas submersas, residências vazias e bens pessoais misturados aos destroços. As pinturas, por sua vez, interpretam a paisagem através de camadas cromáticas lentamente elaboradas, que sugerem as marcas e as memórias deixadas pela passagem da água. Neste sentido, o uso de dois meios diferentes - fotografia e pintura - reflete minha tentativa de construir uma leitura plural e expandida da paisagem urbana afetada. Busco, assim, criar uma ponte entre a objetividade documental e a subjetividade interpretativa.

Didi-Huberman a ideia de conhecimento pela montagem. Colocando as imagens em relação, uma ao lado da outra, o historiador busca desmontar o tempo e colocá-lo em pedaços na sua mesa de trabalho, para então recompô-lo. O autor comenta que somente conhecendo o tempo em pedaços se pode compreendê-lo. Nessa perspectiva, defende que o historiador convoca e

interroga a memória, e não exatamente o passado, pois a memória não trata-se do tempo das datas, por isso decanta o passado de sua exatidão. “A memória é “*montadora* por excelência, organiza elementos heterogêneos (“detalhes”), escava fendas na continuidade da história (“intervalos”), para criar circulações entre tudo isso: *zomba do intervalo entre os campos - e trabalha com ele*” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.419)

Em minha obra, a montagem se manifesta na justaposição de diferentes momentos e abordagens visuais, criando uma narrativa visual descontínua. O trabalho apresentado se constitui de intervalos sugeridos entre a subida das águas, a retirada das pessoas de suas casas e a devastação de ruas e moradias. Alguns fatores como mudanças climáticas, desmatamento inconsciente, especulação imobiliária entram nesta lista de responsabilidade com o espaço urbano. A frase “Aqui é mais barato”, na pintura central da composição, aparece integrada no cenário representado, como um anúncio publicitário estampado na parede de um prédio. Faz parte do marketing de um supermercado, mas no contexto da obra é bastante representativo, uma vez que os imóveis localizados em áreas atingidas pelas enchentes sofreram uma queda abrupta em seu valor de mercado instigando a compra de imóvel em área de risco. Portanto, a frase tenciona uma crítica ao hiperconsumo, que ignora questões ambientais em vista do lucro que se pode ter.

Em “Águas passadas, presente e futuro”, utilizo a montagem como ferramenta de sobrevivência da memória, permitindo que o observador acesse uma espécie de “arquivo emocional” da cidade. Ao colocar lado a lado imagens desse evento, não busco apenas documentar, mas também questionar: o que resta após a passagem da água? O que deve ser transformado no espaço urbano? O que sobrevive na memória coletiva? A cada camada pictórica ou fragmento fotográfico, proponho que essas paisagens sobrevivam não só como registros de um evento, mas como vestígios de uma cidade que resiste. Essa abordagem dialoga com a ideia de que as imagens possuem uma capacidade de sobrevivência, de carregar em si fragmentos de um tempo que insiste em se manter presente. A sobrevivência, nesse caso, é o processo pelo qual Montenegro, como uma entidade visual e simbólica, persiste, mesmo transformada pela força das

águas. Ao combinar fotografia e pintura, consigo explorar as marcas do tempo e os vestígios que resistem - não como ruínas, mas como traços de uma paisagem que continua a se reconstruir.

O título da obra “Águas passadas, presente e futuro” faz referência a recorrência das enchentes na localidade e a probabilidade de que, na conjuntura atual, fenômenos climáticos aconteçam com maior intensidade e frequência. Sobre a enchente de 1941, Pe. Balduino Rambo (1904-1961), no livro *Fisionomia do Rio Grande do Sul*, descreveu o panorama que presenciou como, ao mesmo tempo, grandioso e desolador. “Enormes massas líquidas, barrentas, rolando com impetuosidade destroem incontável riqueza agrícola, bem como urbana, além do rastro de doenças que provoca.” O autor também sugeriu medidas a serem tomadas prevendo a recorrência do fato, como reflorestar encostas e até mesmo o deslocamento de alguns municípios no Vale do Taquari. (RAMBO, 2015)

Dada a grandiosidade da recente catástrofe, as sugestões de Balduino Rambo ficaram no esquecimento tanto do poder público como da população. Pensar sobre o crescimento das nossas cidades é assunto tão atual quanto urgente. No desenvolvimento urbano não podemos contrariar a natureza, pois sabemos que a mata protege, sendo essa uma necessidade fundamental que infelizmente não é levada à sério. A água normalmente não busca o alto, costuma verter-se cada vez mais para baixo. Assim como a realidade da vida carrega tudo, das boas convivências às dramáticas, a água que repousava despercebida ergueu-se do leito do rio pela falta de desassoreamento e volume de chuvas torrenciais, levando terra, pontes, lavouras, cidades, muros, casas, objetos e vidas na fúria de sua passagem. Tendo vivido essa experiência traumática, fiz do meu trabalho em artes visuais o meio de gritar minha indignação na expectativa de fazer ver e pensar as consequências do que vivemos responsabilizando-nos com o futuro agindo sobre nossa maneira de estar no mundo, integrados à ele.

Arthur Danto (2020) defende que toda obra de arte incorpora significados, para o autor “trazer para a arte o duplo critério de significado e incorporação é conectá-la ao conhecimento”. O espaço público, de convivência, de vida, nesta obra está representado num momento de calamidade. A partir do evento a obra busca tecer novas percepções, e modos de ver, pensar, sentir, observar o entorno citadino, reunindo história, identidade, cultura e memórias

da cidade. Acredito que a arte contemporânea, ao incluir uma reflexão do artista em relação ao seu ambiente, colocando em questão o espaço que o rodeia, pode contribuir para problematizar situações como a das enchentes e para que esta memória não seja esquecida.

No contexto atual, onde eventos extremos como enchentes, secas e incêndios se tornam cada vez mais frequentes, acredito que o papel do artista é, em parte, o de testemunhar e reimaginar. Em "Águas passadas, presente e futuro", tento exercer essa função, oferecendo ao espectador não uma visão definitiva da catástrofe, mas uma reflexão sobre como a cidade e seus habitantes são afetados por forças que escapam ao controle humano. Como artista, vejo minha obra como um espaço de diálogo e de questionamento, onde o observador é convidado a refletir sobre o que significa habitar uma paisagem em constante transformação.

A escolha de representar uma catástrofe como a enchente de 2024 é também um ato de resistência simbólica, uma maneira de enfrentar a realidade das mudanças climáticas que moldam nosso cotidiano e alteram nossa percepção de segurança e pertencimento. "Águas passadas, presente e futuro" é, portanto, uma obra que não fala apenas de Montenegro ou da enchente; ela aborda a fragilidade do espaço urbano e a relação ambivalente que mantemos com o ambiente que habitamos. Ao fazer isso, busco ampliar a discussão sobre a responsabilidade coletiva em relação às mudanças climáticas e sobre o papel do artista como testemunha ativa dessas transformações.

Palavras-chave

Enchente; paisagem urbana; pintura; fotografia; montagem.

Referências

DANTO, Arthur. **O que é arte**. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto. 2013.

_____. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2015 (1942).



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.